A Santa Aliança do Ódio

Neil Datta

07/08/2025

Em entrevista, Neil Datta expõe como bilionários, partidos e redes religiosas financiam projeto global contra direitos.



Montagem com fotos Wikipedia Commons

Diante da ascensão da extrema-direita no mundo, entender as forças que movem o ativismo antigênero tem se tornado uma tarefa urgente.

Para além de discursos moralistas e campanhas ideológicas, há uma complexa rede internacional de financiamento, articulação política e produção de conhecimento ultraconservador que movimentou, apenas entre 2019 e 2023, 1,18 bilhão de dólares (mais de 6 bilhões de reais) na Europa.

E poucas pessoas conhecem tão profundamente essa engrenagem quanto Neil Datta, secretário executivo do European Parliamentary Forum for Sexual & Reproductive Rights (EPF), e autor do estudo “The Next Wave: How Religious Extremism Is Reclaiming Power” (A próxima onda: Como o extremismo religioso está recuperando o poder).

A pesquisa é uma das poucas no mundo que consegue rastrear de onde vem o dinheiro que financia ações antigênero nas mais diferentes esferas e mostra que na realidade os investimentos têm aumentado muito nos últimos anos.

O relatório prévio, “Tip of Iceberg Religious Extremist Funders against Human Rights for Sexuality and Reproductive Health in Europe” (A ponta do iceberg dos financiadores extremistas religiosos contra os direitos humanos para a sexualidade e a saúde reprodutiva na Europa), também coordenado por Neil, apontou que o campo movimentou 700 milhões de dólares ao longo de uma década, de 2009 a 2018.

Já em “Próxima Onda”, que rastreia apenas 5 anos, de 2019 a 2023, esse investimento mais que dobrou: foi para 1,18 bilhão de dólares.

Nesta entrevista, Datta revela os bastidores de uma máquina transnacional que tem moldado políticas públicas, influenciado eleições, formado jovens ativistas, inflamado o ódio contra LGBTQIA+ e levado mulheres à morte em países onde direitos reprodutivos foram suprimidos.

Ele expõe as origens geográficas do financiamento — dos EUA à Rússia, passando por bilionários europeus —, detalha o papel estratégico de think tanks, das redes sociais e das igrejas cristãs conservadoras, e aponta como o Brasil também deixou seu legado no mapa do ódio com a atuação da organização extremista católica fundada nos anos 1960 Tradição, Família e Propriedade (TFP).

Quem são os principais financiadores antigênero na Europa atualmente?

Temos três origens geográficas principais de onde vem o dinheiro.

Temos os Estados Unidos, principalmente atores da direita cristã norte-americana e alguns dos grandes financiadores são organizações que estabeleceram escritórios na Europa, como a Alliance Defending Freedom (ADF), o European Centre for Law and Justice e a World Youth Alliance.

A forma como obtêm o dinheiro é por meio de fundações privadas dos EUA, que são criadas por bilionários americanos que geralmente são próximos a eles, como a parte extremista MAGA do Partido Republicano.

Essa é uma fonte de dinheiro. Não é a maior fonte na Europa, representa menos de 10%, de acordo com nossos números mais recentes, mas está concentrada em litígios, ou seja, está trazendo o conhecimento jurídico dos EUA para a Europa.

A próxima fonte seria a Federação Russa. E isso é interessante. São duas as principais fontes da Rússia: dinheiro privado proveniente dos oligarcas russos e dinheiro público.

Nos últimos 10 anos, mais ou menos, devido às sanções impostas pela União Europeia (UE) e pelos Estados Unidos, embora tenha havido um crescimento no financiamento anti gênero da Federação Russa, ele permaneceu dentro da Rússia.

Portanto, essa é uma lição a ser aprendida. Em um determinado momento, o presidente Trump estava flertando com Putin. Agora, as coisas parecem estar mais frias, mas isso pode mudar.

Dependendo da dinâmica entre os EUA e a Rússia, uma suspensão das sanções pode significar o lançamento de uma torrente de rublos russos para o ativismo de extrema-direita antigênero na Europa e no mundo.

E talvez a maior fonte de financiamento, e a que mais cresceu, tenha sido o financiamento europeu voltado para o ativismo antigênero na Europa, via filantropia.

Isso se dá por meio da criação de algumas grandes fundações novas. Uma delas que me vem à mente é a Fonds du Bien Commun, na França, relacionada a um bilionário francês de extrema direita.

O jornal L’Humanité, revelou há cerca de um ano que há um plano de 150 milhões de euros financiado por esse bilionário para ajudar a extrema direita a vencer as eleições de 2027 e também para financiar litígios contra a “ideologia de gênero”, o “wokeísmo” e a imigração.

Outro exemplo de financiamento vem de fontes públicas. Descobrimos que alguns elementos do financiamento público da UE são destinados a agentes antigênero, geralmente por acidente. Não são quantias enormes.

Mas a maior fonte de novos financiamentos públicos foi realmente a Hungria.

Vemos que os países que estão se voltando para o autoritarismo iliberal estão fazendo isso conscientemente e as pessoas no poder estão financiando uma câmara de eco de organizações que são nominalmente privadas,

mas que replicam o mesmo pensamento iliberal do regime autoritário.

Vemos isso no desenvolvimento de think tanks, universidades, etc., que apoiam principalmente o regime húngaro e, anteriormente, na Polônia, também o governo que está saindo.

Portanto, essa é um pouco a ideia de onde o financiamento está vindo.

E o que mudou desde seu outro estudo, "A ponta do iceberg"? Quero dizer, em termos de números, organizações, mas também em termos das ações desses grupos, porque estamos na Europa em um momento muito específico com a ascensão da extrema direita. O que mudou?

Sim, essa é uma pergunta muito boa. As coisas mudaram em quase todos os níveis. Se considerarmos apenas o nível básico de financiamento, no estudo "A Ponta do Iceberg", identificamos 700 milhões de dólares ao longo de uma década, de 2009 a 2018, destinados a esse ativismo anti gênero.

Agora, no "Próxima Onda", estamos analisando apenas cinco anos e já encontramos mais do que o dobro de 1,18 bilhão de dólares investidos nesse movimento.

Portanto, esse movimento cresceu financeiramente de forma exponencial nos últimos cinco anos. Quero dizer, se fosse uma ação, todos nós deveríamos ter investido nisso há cinco anos, seríamos pessoas ricas agora.

O que esse dinheiro paga? Vamos começar com uma dimensão religiosa. É daí que vem o ativismo anti gênero.

O que vemos é que as principais hierarquias religiosas da Europa estão envolvidas no ativismo anti gênero e têm posição para influenciar o poder.

Os muçulmanos estão presentes na Europa, mas não estão em posição de influenciar o poder ou a política em nenhum país da Europa, exceto talvez a Turquia e a Albânia. Fora isso, os muçulmanos não são um verdadeiro ator político.

Portanto, se observarmos quem é capaz de influenciar o poder, ou seja, as principais denominações cristãs, o catolicismo, os protestantes tradicionalistas e as igrejas ortodoxas, veremos que todas elas se tornaram igualmente mais conservadoras em termos de dogmas e doutrinas sociais nos últimos anos.

E também conclamaram os fiéis de sua religião a serem mais ativos socialmente e politicamente.

E o que estamos vendo em alguns países, como Holanda, Alemanha e Espanha, é que os partidos de extrema-direita estão cada vez mais visando os eleitores cristãos.

Portanto, temos aqui uma dinâmica tripla: O aumento do conservadorismo doutrinário, um maior apelo aos fiéis para o engajamento político e partidos políticos de extrema direita que visam ativamente a fiéis cristãos.

Outra coisa é o que estamos chamando de serviços antigênero. Sabemos que as pessoas "pró-vida" não gostam do aborto e, por isso, organizam marchas e o que quer que seja.

Eles não gostam de contracepção, não gostam de LGBT+, portanto lutam politicamente por isso.

O que havíamos subestimado é o fato de que eles realmente têm uma alternativa pronta para ser implementada em nível programático para oferecer como alternativa à saúde reprodutiva sexual e às diretrizes.

Agora, se você não gosta de contracepção, há o planejamento familiar natural. Se você não gosta de aborto, há os centros de gravidez de crise. Portanto, há uma alternativa para tudo e, em alguns casos, elas estão se beneficiando de financiamento público.

Portanto, precisamos estar atentos ao fato de que não se trata apenas de uma oposição ao que queremos, mas de todo um mundo e uma estrutura alternativos que estão prontos para serem implementados assim que houver vontade política, que será acompanhada de financiamento.

Depois, passamos para o mundo da política, que eu diria que é agora o epicentro desse movimento.

Enquanto há 20 anos talvez ele estivesse realmente dentro do mundo das hierarquias religiosas, que então criaram suas próprias organizações da sociedade civil ou encontraram aliados dentro da sociedade civil, agora ele se infiltrou ou até criou partidos políticos.

Assim, vemos uma migração de atores do mundo da sociedade civil pró-vida e antigênero para partidos políticos como o Vox da Espanha, por exemplo.

E eles agora estão liderando a batalha.

Os aliados anteriores do movimento antigênero, que costumavam ser os democratas-cristãos de centro-direita, eram aliados leais porque defendiam a doutrina social da igreja, geralmente da igreja católica, mas em alguns casos também das igrejas protestantes.

Eles eram aliados leais, mas são essencialmente partidos políticos tradicionais de centro-direita. Acho que o melhor exemplo disso é o alemão CDU da chanceler Angela Merkel.

Podemos não concordar com a CDU, mas ele é um partido político normal e dominante. O mesmo acontece com os republicanos, os social-democratas em Portugal, o PP na Espanha, etc.

Eles eram aliados leais, mas não muito ambiciosos. Portanto, os antigênero tiveram que encontrar aliados melhores, que são os partidos políticos de extrema direita em ascensão.

Em seguida, olhamos para uma nova categoria de atores que eu diria que se desenvolveu nos últimos cinco anos, que é o mundo da produção de conhecimento na forma de think tanks.

Algumas delas estão associadas a partidos políticos de extrema direita. Assim, a Vox criou a Fondation du Censo, o Rassemblement National na França, criou o ISEP em Lyon, e assim por diante.

Outra fonte de think tanks é o governo húngaro, que criou duas, três, quatro ramificações diferentes, que produzem conhecimento e conteúdo.

Esses grupos se aliaram em nível europeu para formar confederações livres e, em alguns casos, assinaram acordos de parceria com seus homólogos norte-americanos, como a Heritage Foundation.

E, por fim, temos a dimensão geopolítica, em que alguns desses partidos ganham poder, como na Hungria ou na Itália, e talvez em outros países, e podem se envolver em políticas contra o gênero.

Vemos isso acontecendo em nível diplomático, onde há uma dificuldade de se chegar a um acordo dentro da UE sobre gênero, saúde e direitos sexuais e reprodutivos, e também um tipo de jogo geopolítico da guerra fria na África e em outras partes do mundo, usando o gênero como um teste geopolítico decisivo.

Se você é a favor do gênero, você é a favor do Ocidente degenerado, você permitirá que o casamento LGBT seja imposto ao seu país tradicional.

Ao passo que se você o rejeitar, então você está conosco, você é um orgulhoso defensor dos valores tradicionais e não precisa lidar com essa imposição neocolonial que está sendo imposta a você pelos países doadores.

E os recursos investidos em treinamento político e de ativismo, sobretudo de jovens, aumentaram?

O que notamos foi um investimento deliberado na capacitação de pessoas mais jovens e também na infraestrutura de comunicação e mídia.

E acho que os dois devem ser vistos juntos.

Das 275 organizações para as quais encontramos financiamento, cerca de 100 afirmam ter programas de treinamento ou programas de capacitação para jovens ou jovens profissionais.

Portanto, há um impulso deliberado nessa área.

E uma anedota que costumo fazer é que, quando comecei a observar esse movimento há 20 anos, quando olhei para a Europa, o defensor pró-vida antigênero médio era um homem idoso, geralmente branco, e eu pensei, bem, só precisamos ser pacientes e o problema se resolverá sozinho.

Mas eu havia subestimado a capacidade de eles investirem em capacitação para as novas gerações, de modo que agora o defensor anti gênero médio tende a ser jovem e pode ser uma jovem mulher com boa formação, que fala vários idiomas, tenha um diploma em direito, política ou economia.

Da mesma forma, vemos que algo está acontecendo no nível da mídia e das comunicações. Assim, por um lado, no nível mais alto, vemos que houve uma concentração da mídia tradicional nas mãos de bilionários de direita.

E vemos essa tendência acontecendo em muitos mercados linguísticos diferentes.

Os populistas de extrema-direita e antigênero, por muito tempo, não tiveram acesso à mídia tradicional.

Infelizmente, como você sabe, a mídia tradicional vem caindo recentemente. A mídia social está em alta.

Eles foram forçados a investir em mídia social porque eram as únicas plataformas disponíveis para eles.

Portanto, eles têm um conjunto de habilidades que é mais avançado do que o dos principais atores progressistas de direitos humanos.

Assim, eles podem investir nisso e desenvolveram muitas, muitas oportunidades diferentes de capacitação para os jovens que eles treinaram para serem ativos na mídia social, enquanto parece que ainda não chegamos lá.

Às vezes, as pessoas acham difícil entender os impactos concretos desses grupos anti gênero. Elas acham que são lunáticos que se reúnem para discutir ideias conspiracionistas ou que simplesmente vomitam discursos de ódio nas mídias sociais. Você poderia dar alguns exemplos concretos do impacto das ações desses grupos que você observou para o relatório?

O impacto concreto mais dramático de que tenho conhecimento é a situação na Polônia, onde pelo menos seis mulheres polonesas morreram porque não tiveram acesso ao aborto quando precisavam.

E isso é resultado direto da mudança na lei, que surgiu como resultado de uma decisão do Tribunal Constitucional, que reflete a ideologia antigênero por trás da proibição do aborto.

Portanto, podemos ver que, em um país rico que tem todo o aparato médico moderno que se possa imaginar, seis mulheres morreram desnecessariamente por causa de crenças ideológicas que não permitem que elas tenham acesso ao aborto.

Depois, temos muitas centenas, senão milhares, de mulheres lésbicas na Itália que, como resultado das recentes mudanças na lei, têm uma situação difícil com as crianças que adotaram.

Também na Itália, já que estamos lá, o governo está enviando pessoas pró-vida aos centros de planejamento familiar para dissuadir as mulheres de fazer um aborto, se essa for a escolha delas.

Portanto, acho que podemos ver aqui, sabe, exemplos concretos do que está acontecendo quando essas pessoas chegam ao poder.

E, separadamente, o que é um pouco mais difuso, esses grupos também desejam cortar o financiamento de grupos progressistas, o que, como podemos ver, foi bem-sucedido no desmantelamento da USAID nos Estados Unidos, impedindo que qualquer verba fosse destinada a contraceptivos.

No momento, a grande história na Bélgica e na UE é a possível incineração de 10 milhões de dólares em contraceptivos pela USAID.

Todos esses produtos são benéficos para mulheres de países de baixa renda e estão em um depósito.

E o governo dos EUA quer incinerar esses produtos de forma proativa em vez de doá-los a uma organização que saberia como usá-los.

Portanto, acho que podemos ver que isso tem um impacto real, principalmente sobre as mulheres, mas também sobre todos na sociedade em seu dia a dia. Não é apenas teórico.

E agora temos o Trump. Como a eleição dele impactou também a Europa?

Ah, sua eleição teve um impacto enorme, mas indireto, no sentido de que foi uma validação para essa forma de pensar.

Sempre que seu lado vence uma batalha, você fica energizado com isso.

Imagine o país que deveria ser o líder do mundo livre indo nessa direção.

Para eles, isso certamente significava que outros países deveriam estar seguindo o mesmo caminho, o que realmente revitalizou esses movimentos na Europa.

Isso também fez com que eles não se sentissem mais marginalizados, porque agora o principal país do mundo ocidental estava pensando da mesma forma que eles e estava, de fato, implementando uma série de atividades, de modo que, de repente, eles se tornaram populares.

Embora esse estudo tenha se concentrado na Europa, o Brasil aparece principalmente através da TFP. Você pode explicar para o público brasileiro como essa organização fundada nos anos 1960 no Brasil, e que hoje não é mais tão conhecida por aqui, continua a influenciar esse campo antigênero em todo o mundo?

Como você sabe, a organização tradicionalista católica Tradição, Família e Propriedade (TFP) começou no Brasil em 1960 com o Plínio Corrêa de Oliveira.

Ela se espalhou principalmente pela América Latina, muito próxima das ditaduras militares da época e não foi muito difícil estabelecer postos avançados na Península Ibérica.

Em seguida, a organização também estabeleceu um posto avançado na França e, a partir da França, de seu castelo em Lorraine, espalhou-se para a Alemanha, Áustria, Polônia etc.

Depois, o fundador morreu. Houve um grande confronto entre diferentes facções da TFP.

Houve várias batalhas judiciais no Brasil.

A TFP mais ou menos desapareceu da América Latina. Há um pequeno grupo remanescente no Brasil, os Fundadores, quem quer que esteja vivo ainda está lá.

Os postos avançados europeus da TFP no entanto permaneceram intocados e continuaram.

E então, por volta de 2010, a filial polonesa da TFP ganhou um dinamismo renovado e criou algumas novas entidades, principalmente a Ordo Iuris.

A Ordo Iuris rapidamente se tornou uma think tank jurídica muito influente. Esse foi um novo modelo para a TFP.

E, a partir da Polônia, eles estabeleceram novos postos avançados na Holanda, na Eslováquia, na Croácia, na Lituânia e na Estônia.

Há diferentes gerações da TFP operando na Europa agora e parece que o Brasil é simplesmente algo do passado, mas algumas das organizações mais antigas da TFP europeia têm como principal função coletar dinheiro e enviar uma parte dele para o Brasil, porque os fundadores precisam de algum dinheiro para sobreviver.

Mas as mais influentes são realmente as polonesas. A Odo Iuris foi capaz de fornecer a argumentação legal para praticamente proibir o aborto.

Foram eles que criaram o suporte legal para as “zonas livres de LGBT” e também para apoiar a criminalização da educação sexual.

A TFP holandesa lançou uma enorme campanha online contra a LGBT e a educação sexual que, de fato, teve um impacto na opinião pública holandesa.

Da Holanda, eles estão tentando agora influenciar a Bélgica.

A pessoa da TFP na Estônia foi eleita para o parlamento, de modo que ela pode ganhar influência, moldar a opinião pública e entrar na política.

Isso é um desdobramento de uma parte desse legado da TFP brasileira na Europa.

Via ICL Notícias

Colunista Andrea Dip

Compartilhe nas redes: